

Paisagem Religiosa: o Catolicismo Popular e as Companhias de Reis e do Menino Jesus de Carmo do Rio Claro-MG

Religious Landscape: Popular Catholicism and the Company of Kings and the Company of the Baby Jesus of Carmo Do Rio Claro, MG

Fábio Martins³⁸

<https://orcid.org/0000-0003-4290-4086>

Leonel Brizolla Monastirsky³⁹

<https://orcid.org/0000-0003-1853-8960>

Resumo: No município de Carmo do Rio Claro-MG evidencia-se a expressão do catolicismo popular, com destaque para um sistema cultural religioso e inúmeras práticas de religiosidade vinculadas ao calendário litúrgico. A partir da observação das Companhias de Reis e do Menino Jesus buscou-se identificar as diversas práticas de religiosidade popular e a espacialidade dos símbolos e manifestações religiosas. Ainda focou-se na identificação e interpretação da simbologia que as sustentam. Como metodologia adotou-se a pesquisa de

³⁸ Doutorando no Programa de Pós-graduação em Geografia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, Mestre em Gestão do Território pelo PPGEU-UEPG, Especialista em História, Arte e Cultura pelo PPGH-UEPG, Graduado (Bacharel e Licenciatura) em Artes Plásticas pela UFU, Integrante dos grupos de pesquisa CNPQ: Geografia e História: memória social e patrimônio cultural UEPG, Grupo de Práticas de Pesquisas Qualitativas em Geografia UEPG e do Núcleo de Pesquisa em Pintura e Ensino UFU, Atua como professor de Artes pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná, Artista Visual, suas pesquisas abarcam os seguintes temas: Arte - Educação, Paisagem, Bens Culturais, Antropologia Visual e Folias de Reis.

³⁹ Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2007), Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina (1997), Especialista em Geografia Humana pela Unicentro (1991), licenciado em Geografia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (1984) e Bacharel em Administração de Empresas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (1984). Professor Associado da Universidade Estadual de Ponta Grossa: Programa de Pós-graduação em Geografia e Departamento de Geociências. Áreas de atuação: Geografia Social e Cultural, Geografia Histórica (memória social, patrimônio cultural, história da cidade, planejamento urbano e turismo). Líder do Grupo de Pesquisa (CNPq/UEPG): Geografia e História: Patrimônio Cultural e Memória Social. Presidente da Associação de Preservação do Patrimônio Cultural e Natural (APPAC). Membro do Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Ponta Grossa (COMPAC) – UEPG.

campo - com a observação participante e a realização de entrevistas. O conceito de paisagem religiosa foi contemplado na perspectiva da Geografia Cultural como pressuposto para se pensar as Companhias de Reis e do Menino Jesus enquanto um sistema de crença religiosa, permeada por códigos, símbolos e signos que revelam práticas históricas, vivências, memórias individuais e coletivas para ser preservadas.

Palavras-chave: Paisagem; Religiosidade; Manifestações religiosas; Catolicismo popular; Geografia Cultural.

Abstract: In the municipality of Carmo do Rio Claro-MG, the expression of popular Catholicism is evident, with emphasis on a religious cultural system and numerous practices of religiosity linked to the liturgical calendar. From the close observation of the Company of Kings and the Company of the Baby Jesus, we sought to identify the various practices of popular religiosity and the spatiality of symbols and religious manifestations. It also focused on identifying and interpreting the symbolism that underpins them. Field research was adopted as a methodology - with participant observation and the conducting of interviews. The concept of religious landscape was considered from the perspective of Cultural Geography as a presupposition for thinking about the Company of Kings and the Company of Baby Jesus as a system of religious belief, permeated by codes, symbols and signs that reveal historical practices, experiences, as well as individual and collective memories to be preserved.

Keywords: Landscape; Religiosity; Religious Manifestations; Popular Catholicism; Cultural Geography.

Introdução

A presença das manifestações de religiosidade do catolicismo popular na paisagem de Carmo do Rio Claro-MG⁴⁰, se configura desde a fundação do município, dos cinco grupos de Companhias de Reis, quatro ternos de Congo, um terno de Moçambique, além de grupos de homens rezadores para almas. Atualmente, apenas quatro grupos de Companhias mantêm suas atividades, sendo três Companhias no perímetro urbano: Companhia do Menino Jesus e duas Companhias de Reis (Estrela da Guia e Estrela do Oriente), além de uma Companhia de Reis no distrito rural das Três Barras.

Com a significativa redução dessas manifestações de religiosidade popular e a representatividade dessa tradição cultural no estado e no próprio município, como elemento integrante da paisagem tem-se sua presença durante o ciclo natalino, em locais como praças, igrejas, ruas, estradas, casas, na jornada dos foliões.

A presente pesquisa tem como objetivo identificar as diversas práticas de religiosidade popular e a espacialidade que assume os símbolos e manifestações religiosas. A escolha da temática e do recorte espacial justificam-se pela identificação de uma multiplicidade de saberes e práticas populares envolvendo a religiosidade. Adotou-se como aporte metodológico a pesquisa de campo durante o período de 25 de dezembro de 2018 a 27 janeiro de 2019, através da observação participante e entrevistas semiestruturadas.

⁴⁰ O município de Carmo do Rio Claro situa-se na mesorregião Sul/Sudoeste do estado de Minas Gerais, a 363 quilômetros da capital Belo Horizonte e possui população estimada pelo IBGE (2018) entorno de 21.180 habitantes.



O trabalho de campo permite captar subjetividades, significados, sentidos e características socioculturais. Uma das práticas de pesquisa qualitativa mais difundida é a observação participante ou participativa, em que existe mediação, ação dialógica e elaboração conjunta entre o pesquisador com os interesses da comunidade ou grupo, “envolvendo tomadas de decisões sobre uso de recursos, demanda ou adoção de políticas públicas.” (HEIDRICH, 2016, p. 25).

Na primeira seção faz-se uma discussão teórico-conceitual da paisagem religiosa pela perspectiva da Geografia Cultural. Na segunda seção revela-se a paisagem religiosa desde a fundação do município mineiro mantendo viva uma série de tradições, como as Companhias de Reis e do Menino Jesus. A terceira seção aborda na paisagem a religiosidade popular atrelada ao catolicismo.

A paisagem religiosa na geografia cultural

As pesquisas da geografia cultural, pós 1970, abordam “[...] o simbolismo de coisas e objetos na paisagem” enfatizando aspectos materiais e imateriais da cultura. (ROSENDAHL, 2012, p. 29-31). De acordo com Claval (1999, p. 14), a paisagem é como objeto de interpretação, pois “carrega a marca da cultura e serve-lhe de matriz”, assim como, é moldada e projetada pelas convicções religiosas.

Contudo, “a religião influencia, enfim, os ritmos de vida de todos pelos calendários e as festas que institui. Ela cria para os sacerdotes e religiosos, gêneros de vida específicos.” E, a partir de 1976, em Yi-Fu Tuan destaca “[...]o peso das representações religiosas”, com intuito do conhecimento acerca da “lógica profunda das ideias, das ideologias ou das religiões para ver como elas modelam a experiência que as pessoas têm no mundo e como influem sobre sua ação.” (CLAVAL, 1999, p. 53).

A paisagem descrita por Dardel (2015, p. 32) circunscreve “a inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida, manifestação de seu ser com os outros, base de seu ser social.”

A paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma impressão que une todos os elementos. [...] A paisagem se unifica em torno de uma tonalidade afetiva dominante, perfeitamente válida, ainda que refratária a toda redução puramente científica. Ela coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a terra, ou se preferimos, sua geograficidade original: a terra como lugar, base e meio de sua realização. (DARDEL, 2015, p. 31).

A Escola de Berkeley trouxe as qualidades simbólicas da paisagem, que sustentam seu significado social, como um texto “[...] a ser lido e interpretado como documento social”, uma imagem cultural, que pode ser revelada enquanto configuração de símbolos e signos através de diversos meios e superfícies [...]”. (COSGROVE; JACKSON, 2011, p. 137).

Geertz (2012) propõe a análise de crenças e práticas religiosas enquanto um sistema cultural, do qual o conceito semiótico de cultura se adapta.

E sabendo-se que a paisagem conforme Torres (2013) está em constante transformação e repleta de elementos simbólicos, sua leitura de mundo se estabelece a partir da experiência de cada indivíduo que interage com ela, “[...] seja no plano da materialidade das coisas que os seres humanos constroem/desconstroem e organizam no espaço, seja no plano da imaterialidade; dos sentidos e significados atribuídos a cada elemento constituinte da paisagem”. (p. 95).

As paisagens segundo Torres (2013) contêm histórias e discursos, expressos em memórias individuais e coletivas de valores construídos ao longo do tempo, além de



confirmarem-se no subjetivo de cada indivíduo, as paisagens tornam-se elos de contato a partir de experiências de coletividade.

Os discursos decorrentes da paisagem e presentes nela podem estar contidos em uma ou mais formas simbólicas (arte, mito, religião, linguagem), o que garante o sentido atribuído a cada paisagem. Portanto, numa observação estética da paisagem que considere apenas os subsídios materiais visíveis, elementos do sagrado podem passar despercebidos, o que inviabiliza ou minimiza o potencial do estudo da paisagem religiosa. (idem, p. 98).

Kozel (2012) destaca a paisagem pelos múltiplos elementos (visuais, sonoros, odoríferos, palatáveis e tácteis), sendo estes, portadores de significados por aqueles que os vivenciam. Portanto, há “inúmeras maneiras de representá-la, uma vez que também são inúmeras as percepções, valores e significações de quem vive e capta essa paisagem.” (p. 68).

Cada paisagem é produto e produtora de cultura, e é possuidora de formas e cores, odores, sons e movimentos, que podem ser experienciados por cada pessoa que nela se insira, ou abstraído por aquele que lê pelos relatos e/ou imagens. Nesse sentido, é por meio da paisagem que os elementos que integram no espaço ‘saltam aos olhos’ do ser humano, ‘gritam aos seus ouvidos’, e envolvem-no nas suas dimensões sensíveis. (KOZEL, 2012, p. 69).

Desse modo, a reflexão posta por esses autores possibilita a compreensão da paisagem das Companhias de Reis e do Menino Jesus de Carmo do Rio Claro-MG enquanto um sistema de crença religiosa permeada por códigos, símbolos e signos, que se revelam através das vivências, memórias individuais e coletivas.

Paisagem religiosa em Carmo do Rio Claro-MG

O processo histórico de formação cultural em Carmo do Rio Claro-MG, desenvolveu-se em face a uma paisagem marcada por serras, vales, ribeirões, cachoeiras, além do Rio Grande (Jeticá) e do Rio Sapucaí. Conforme Grilo (1996, p. 11-14), a paisagem revela-se pela linguagem poética e geográfica:

Vemos lá no alto. Depois de um breve descanso do esforço de subida, calmamente fiquemos de pé e olhemos a nossa volta. Se apontarmos o nosso braço direito para o lado onde o sol está nascendo, veremos à nossa frente bem aqui embaixo, ao pé da serra a cidade está acordando... Um pouco a direita e seguindo para o norte, que é tudo o que vemos à nossa frente, há uma superfície prateada e recortada: são as águas da represa de Furnas que chegam até perto da cidade. Depois das águas, cresce a silhueta escuro-azulada das serras; começam bem a frente, como Serra da Tromba e vão se espichando na direção do nosso braço esquerdo (para Oeste), como Serra do Ferreira, Serra do Tabuleiro e Serra dos Pinheiros, bem longe, na direção de Alpinópolis... Ali, ao pé do Tabuleiro e dos Pinheiros, há um represamento especial das águas. Hoje não dá pra perceber que é um rio, mas é um rio represado, e um rio muito importante para nós: o Sapucaí.

Enquanto isso, vamos olhar na direção do nosso braço esquerdo: aqui embaixo, bem ao lado da cidade, começa uma outra serra formada por duas sequências: a da Rapadura e do Santana. Dirige-se sempre para o oeste inclinando um pouco a norte: parece que vai se encontrar com a dos Pinheiros lá longe, já perto da Ventania.

Entre estas, e na mesma direção, fica, portanto, uma região baixa, alongada, com pouca elevação, vários córregos pequenos que, daqui do alto, quando os vemos, parecem fiozinhos de prata. Podemos chamar a esta área de vale e talvez pudéssemos dar-lhe o nome de Vale do Itapiché, pois este é seu

principal ribeirão. Também segue na direção da Serra da Ventania e morre lá, aos seus pés.

Olhando, ao contrário, na direção de nosso braço direito (leste) vemos em primeiro lugar o próprio prolongamento da serra em que estamos, que é hoje chamada de Tormenta. Logo depois dela, mais água, mais represa. Aí também está o Rio que não vemos, o Sapucaí...Para além das águas, podemos ver um pouco embaçados os prolongamentos dos morros e as regiões mais planas que formam os campos. De um lado, os morros e as regiões mais planas que formam os campos, os Campos Gerais, o Campo do Meio e outros...Temos de virar de costas. Vamos apontar agora o nosso braço esquerdo na direção do sol nascente e dando as costas a Serra da Tromba e a cidade. Bem a nossa frente (Sul) logo ao pé da serra em que estamos, podemos ver uma ponta da represa que depois se prolonga em dois fios de água: é onde o Rio Claro, que vem mais do sul, se encontra com o Santa Quitéria, que vem quase beirando a Serra da Rapadura. Hoje desaparecem juntos na represa; antes, desaguavam juntos no Rio Sapucaí, formando a barra do Rio Claro. Depois se estendem outros morros, outras serras, outras pontas de represa – uma delas, bem ao longe, é a do Rio Moçambo ou Muzambo – outras, mais próximas são as do Correnteza, do Cavaco etc.

Nesta paisagem tão rebuscada de morros, serras, rios e córregos de Carmo do Rio Claro-MG reverbera-se manifestações de religiosidade popular vinculadas aos calendários litúrgico e cíclico, pautado em celebrações - missas, novenas, procissões, comemorações e festejos.

Identificou-se a seguinte organização das atividades religiosas e períodos em um calendário litúrgico (Quadro 01): entre os meses de **dezembro e janeiro** contempla-se o **ciclo de comemorações natalinas** que se encerra com a festa da epifania; entre os meses de **fevereiro, março e abril**, contempla-se o período de quarenta dias da **quaresma**, além das celebrações da **semana santa**; já entre os meses de **junho a novembro**, contemplam-se as **celebrações e ou comemorações mensais**: Corpus Christi (junho), padroeira do município Nossa Senhora do Carmo (julho), Bom Jesus dos Aflitos do Itacy (agosto), Nossa Senhora Aparecida (outubro) e finados (novembro). (INFORMAÇÃO VERBAL⁴¹).

Quadro 01- Calendário Litúrgico
Celebrações e Manifestações de Religiosidade em Carmo Do Rio Claro (MG)

ATIVIDADE	PERÍODO	LOCAL
DEZEMBRO		
Novenas de Natal	Durante todo o mês de dezembro	Casa das famílias
Apresentação dos Grupos de Companhias de Reis e do Menino Jesus	25 de dezembro a 06 de janeiro - período que pode se estender em função das demandas de promessas	Casa das famílias (devotos de Santos Reis)
Missa da Passagem de Ano	Último dia do mês de dezembro	Igreja Matriz Nossa Senhora de Fátima e Sagrada Família
JANEIRO		
Festejo de chegada dos grupos de Companhia de Reis e do Menino Jesus	Dia 06 de janeiro	Participação dos grupos Companhias nas missas. Chegada das Companhias de Reis: Salão de festa Igreja Matriz Sagrada Família e do Menino Jesus: Lar do Idoso Frederico Ozana

⁴¹ Entrevista concedida ao autor em 23/01/2019 com os membros das equipes pastorais do Conselho pastoral paroquial Sagrada Família e do Conselho pastoral paroquial Nossa Senhora do Carmo.



FEVEREIRO - MARÇO - ABRIL		
Quaresma	40 dias	Várias localidades: atividades que se iniciam na Quarta-Feira de Cinzas e se estendem até a comemoração da Páscoa
Quarta-feira de Cinzas	Após os festejos de carnaval entre os meses de fevereiro ou março	Igreja Matriz Nossa Senhora de Fátima e Sagrada Família: celebrações com a unção e distribuição de cinzas
Vias Sacras	40 dias durante a quaresma: quartas e sextas	Pelas ruas da cidade ou dentro da Igreja
Procissão Penitencial	Todas as sextas durante a quaresma	Ruas da cidade: 5 horas da manhã
Procissão Domingo de Ramos	Durante a Semana Santa	Capela N. Sr. dos Passos até a Igreja Matriz Nossa Senhora de Fátima
Procissão do Depósito	Segunda-feira à noite - Semana Santa	Condução das Imagens de N. Sr. dos Passos (por homens) e de N. Sr. ^a das Dores (por mulheres) as suas Capelas de origem
Vigília	Segunda-feira à noite - Semana Santa	Capela N. Sr. dos Passos
Procissão do Encontro	Quarta-feira à noite - Semana Santa	Condução das Imagens de N. Sr. dos Passos (por homens) e de N. Sr. a. das Dores (por mulheres) até a Igreja Matriz Nossa Senhora de Fátima
Instituição da Eucaristia e Missa de Lava Pés	Quinta-feira à noite - Semana Santa	Igreja Matriz Nossa Senhora de Fátima
Ato de Penitência	Quinta-feira à noite - Semana Santa	Subida da Serra da Tormenta
Via Sacra dos Jovens	Sexta-feira da paixão Semana Santa	Subida da Serra da Tormenta
Procissão das Velas: Jesus morto com os esquifes	Sexta-feira da paixão - Semana Santa	A imagem de Jesus morto com os esquifes sai da Igreja Matriz e faz um percurso em torno da Praça Cap. Pedro Tito Pereira com retorno à Matriz
Missa de Aleluia	Sábado após sexta-feira da Paixão de Cristo	Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo e Sagrada Família
Procissão da Ressurreição	Domingo de manhã após Sábado de Aleluia	Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo: Missa na Capela do Senhor dos Passos com procissão até a Matriz Senhora de Carmo Sagrada Família: ruas do bairro Jardim América
JUNHO		
Celebrações de Corpus Christi	Comemorado no mês de junho 60 dias após a Páscoa	Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo e Sagrada Família: confecção de tapetes artísticos para procissão nas ruas próximas às igrejas
JULHO		
Comemorações padroeira Nossa Senhora do Carmo: procissão e festejos	16 de julho	Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo: Procissão de Nossa Senhora do Carmo pelas ruas da cidade; além de festa de barraca armada na praça em frente à Igreja
AGOSTO		
Celebrações e festejos Bom Jesus dos Aflitos do Itacy	29 de julho a 06 de agosto	Santuário Bom Jesus dos Aflitos: Novena e missas do Bom Jesus dos Aflitos, distrito do Itacy, fluxo de 30 a 50 mil devotos
OUTUBRO		
Nossa Senhora Aparecida	15 de outubro	Subida da serra da tormenta até a capelinha Nossa Senhora Aparecida; Celebrações de missas nas matrizes Nossa Senhora de Fátima e Sagrada Família
NOVEMBRO		
Finados	02 de novembro	Visitação aos túmulos no cemitério municipal de Carmo do Rio Claro (MG)



Fonte: Informação Verbal, 2029. Org.: O Autor

Existem ainda, as práticas de religiosidade que acontecem semanalmente, como as missas nos bairros e na zona rural, o terço dos homens, grupos de orações, catequese e visitação da capelinha Mãe Rainha nas casas dos devotos (Quadro 2).

Quadro 02- Atividades de Religiosidade que acontecem durante todo o ano

ATIVIDADE	LOCAL
Missas semanais nas Igrejas Matrizes	Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo e Sagrada Família
Missas com celebrações nos bairros	Capela Nosso Senhor dos Passos, Jacuba, Rosário, Porto, Bananal, São Benedito e Nosso Senhor dos Aflitos
Terço dos homens	Segunda-feira Paróquia Sagrada Família e quarta-feira Paróquia Nossa Senhora do Carmo
Grupos de orações	Segunda-feira: Paróquia Sagrada Família; Quarta-feira: Capela do Hospital (São Vicente de Paulo) e sexta-feira: Capela São Benedito
Visitação uma vez por mês da capelinha Mãe Rainha Nossa Senhora de Schoenstatt	Casas de devotos
Catequese	Paróquia Nossa Senhora do Carmo funciona de segunda a sexta com horários específicos Paróquia Sagrada Família: Primeira etapa (eucaristia), quarta-feira às 17:30. Segunda etapa (crisma) domingo às 18:00
Missas rurais	Paróquia Sagrada Família: quinta-feira em um bairro rural. Paróquia Nossa Senhora do Carmo: quarta-feira em um bairro rural
Missas setoriais (bairros)	Paróquia Nossa Senhora do Carmo celebra na segunda-feira e no sábado missas nos bairros
Grupo de Jovens	Encontro semanal às quintas-feiras à noite após a missa

Fonte: Informação Verbal, 2029. Org.: O Autor

As diversas práticas de religiosidade configuram a paisagem de Carmo do Rio Claro, há cerca de um século e meio, por meio de elementos simbólicos materiais e imateriais que carregam consigo elos de uma tradição em celebrações e festejos, experienciados de forma coletiva ou individual em face de distintas espacialidades.

As espacialidades (imagem 1) vivenciadas pelas práticas de religiosidade do catolicismo popular vinculam-se a nove locais - igrejas matrizes: Nossa Senhora do Carmo, situada no centro da cidade e a Sagrada Família, situada no bairro Rua Nova; Capela Nosso Senhor dos Passos, situada aos 'pés da Serra da Tormenta' e a Capela de Nossa Senhora Aparecida no alto da Serra da Tormenta; Igreja do Rosário e Igreja São Benedito nos bairros do Rosário e São Benedito; Centro de Formação São José situado no bairro Coração Eucarístico; Capela do Hospital São Vicente de Paulo situado no bairro Santo Antônio; e o Cemitério Municipal situado no bairro Rua Nova.

A capela Nosso Senhor dos Passos, construída em estilo colonial aos pés da Serra da Tormenta no ano de 1860, constitui-se a edificação mais antiga do município e abriga a imagem de Nosso Senhor dos Passos que faz parte da prestigiada Procissão do Encontro realizada durante a semana santa.

No centro da cidade fica a igreja matriz Nossa Senhora do Carmo, onde há mais de um século ocorre a maior parte das celebrações e ritos religiosos, como as procissões do Encontro e do Senhor Morto, que na semana santa reúnem milhares de fiéis em caminhada pelas ruas da cidade, além das celebrações de Corpus Christi e a festa em louvor a Nossa Senhora do Carmo.



Uma espacialidade é evidenciada na quarta-feira da semana santa, quando realizam a procissão do Encontro. Enquanto a imagem sacra de Nosso Senhor dos Passos é carregada por homens que partem da Capela Nosso Senhor dos Passos com destino à igreja matriz Nossa Senhora do Carmo, a imagem de Nossa Senhora das Dores paralelamente é carregada até aquela, por mulheres da Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

Imagem 1 - Espacialidades vivenciadas pelas práticas de religiosidade do catolicismo popular em Carmo do Rio Claro - MG.



Ilustrações: Autor (2020), Aquarela sobre papel.

A procissão de Jesus Morto com os Esquifes acontece na noite da sexta-feira da semana santa (da paixão). Popularmente conhecida como procissão das Velas, os fiéis, empunhando suas velas acesas, conduzem orações e cantos penitenciais fúnebres de alusão a Jesus Morto. Após a procissão, a imagem de Jesus Morto adentra a igreja Nossa Senhora do Carmo onde as pessoas fazem suas reverências à imagem.

No mês de julho, comemora-se o aniversário da padroeira do município com festejos de barraca em frente à igreja matriz, além da procissão, na qual os fiéis proferem hinos de louvor à imagem de Nossa Senhora do Carmo.

A Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, até meados de 1990, realizavam práticas vinculadas à religiosidade de matrizes africanas, como a Congada e o Moçambique, quando existiam ternos de congo e Moçambique que saíam em cortejo pelas ruas da cidade ao encontro do seu rei e da sua rainha. A chegada destes grupos acontecia na praça localizada em frente à Igreja do Rosário, entre o cruzeiro e a igreja, dançavam e cantavam sincronizados à sonoridade dos instrumentos percussivos e das latinhas com pedrinhas e sementes amarradas nas pernas. A praça também era palco de outras celebrações dedicadas à Nossa Senhora do Rosário, onde se realizava a procissão pelo bairro, missas e o festejo.

Ainda na praça em frente à Igreja do Rosário até a década de 1990, durante o ciclo natalino, no dia 06 de janeiro, acontecia o rito de chegada (imagem 2) do grupo de Companhia de Reis Estrela da Guia para celebrar o dia dos Santos Reis. Arcos de bambu, fitas

e correntes de papéis coloridos enfeitavam a praça, de modo que a paisagem se transformava no palco de consagração de mais um ciclo de jornada completado pelos foliões.

Imagem 2 - Rito de chegada Companhia de Reis Estrela da Guia.



Fonte: Acervo do Grupo (S. d.).

Nos meses de junho ou julho a praça do Rosário era decorada com bandeirinhas. Ali acontecia a festa junina com a apresentação de quadrilhas. Também era comum nesse período a prática de terços dedicados aos santos católicos, como São João e Santo Antônio. Em várias casas da cidade erguiam-se mastros de bambu, com limões espetados em suas varetas. No seu topo, colocava-se a imagem de um santo, que era decorada com flores de plástico ao seu redor.

No cruzeiro localizado em frente à Igreja do Rosário e em outros, realiza-se a prática de descarte de imagens de santos quebrados, devido à tradição popular de que o descarte incorreto traz castigos. O cruzeiro também era o local de onde partiam na madrugada, no período da quaresma, um grupo de homens, os cantadores para as almas. Acompanhados de um instrumento percussivo de madeira, matraca, cantavam na frente de algumas casas para as almas de pessoas já falecidas. Existia a crença de que não se podia observar esse rito, sobre o risco de visualizar imagens das almas dos falecidos.

Na Serra da Tormenta, todos os anos, milhares de fiéis realizam a subida até seu cume, onde encontra-se localizada a capela dedicada à Nossa Senhora Aparecida, para os agradecimentos, orações e depósito de objetos pelas graças alcançadas.

No ano de 2006, ocorreu a construção da Igreja Matriz Sagrada Família e com isso as principais atividades religiosas, ritos e celebrações, passaram a acontecer de forma paralela nas duas paróquias.

O Santuário Bom Jesus dos Aflitos atrai no mês de agosto um fluxo de 30 a 50 mil pessoas, para as celebrações de missas e novenas. Parte dos fiéis atravessa de balsa a represa de Furnas, para visitar o santuário e depositar objetos às graças alcançadas.

As manifestações ligadas ao catolicismo de Carmo do Rio Claro-MG fazem-se presentes no calendário litúrgico durante todo o ano, de modo que milhares de fiéis (re)vivem práticas de fé dedicadas a distintos santos em diferentes espacialidades. Nesse contexto, marcado pelas manifestações de religiosidade popular, aprofundar-se-á nas Companhias de Reis e do Menino Jesus.

Uma paisagem religiosa pelo catolicismo popular: as Companhias de Reis e do Menino Jesus

1. Tendo, pois, Jesus nascido em Belém de Judá, no tempo do rei Herodes, eis que magos vieram do Oriente a Jerusalém. 2. Perguntaram eles: ‘Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo’. 3. A essa notícia, o rei Herodes ficou perturbado e toda Jerusalém com ele. 4. Convocou os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo e indagou deles onde havia de nascer o Cristo. 5. Disseram-lhe: ‘Em Belém, na Judeia, porque assim foi escrito pelo profeta: 6. E tu, Belém, terra de Judá, não és de modo algum a menor entre as cidades de Judá, porque de ti sairá o chefe que governará Israel, meu povo’. 7. Herodes, então, chamou secretamente os magos e perguntou-lhes sobre a época exata em que o astro lhes tinha aparecido. 8. E, enviando-os a Belém, disse: ‘Ide e informai-vos bem a respeito do menino. Quando o tiverdes encontrado, comunicai-me, para que eu também vá adorá-lo’. 9. Tendo eles ouvido as palavras do rei, partiram. E eis que a estrela, que tinham visto no Oriente, os foi precedendo até chegar sobre o lugar onde estava o menino e ali parou. 10. A aparição daquela estrela os encheu de profunda alegria. 11. Entrando na casa, acharam o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se diante dele, o adoraram. Depois, abrindo seus tesouros, ofereceram-lhe como presentes: ouro, incenso e mirra. 12. Avisados em sonhos de não tornarem a Herodes, voltaram para sua terra por outro caminho.’ (MATHEUS II: 1-12).

Após um ano de espera, é chegada a hora! Já nasceu o menino Deus. Os instrumentos que se encontravam adormecidos em um cantinho de suas moradas reavivam-se: a sanfona volta a respirar as melodias da devoção; a caixa sente aos poucos o despertar de sua couraça animal, que ressuscita ao esticar/estralar/receber o pulsar das batidas, que emergem em comunhão com o coração daqueles que insistem em reviver esta tradição; o chocalho se contorce ao guizo movimento repetitivo; o pandeiro se revolta ao trepidar de um ritmo frenético a sentir o contato das mãos que o movimentam de um lado a outro, num zigue-zague sonoro; os encordoamentos aos poucos aproximam dedos e corpos em busca da afinação perfeita, que dará ritmo aos diferentes timbres de vozes àqueles que estão em prontidão: é chegada a hora!

Três Reis preparam-se novamente para sair em jornada. Guiados pela estrela do oriente vão em busca do Menino Deus, da esperança e da fé. Revelam-se através do objeto sagrado: a bandeira, e seguem sempre à frente acompanhados por cantadores e bastiões que fazem alusão aos guardas de Herodes em disfarce, com a missão de matar o recém-nascido em Belém de Judá.

A paisagem sonora dos transeuntes/automóveis/pássaros/ ou do silêncio noturno cede espaço aos anjos que cantam na glória: é chegada a hora! Assim, a paisagem se transforma em face de uma melodia característica, da qual o gingado da sanfona, aliado à batida da caixa anuncia: é chegada a hora! Ao longe, a população avista a chegada dos Reis Santos que são escoltados pelo colorido dos adereços/roupagens dos foliões. Bastiões sussurram em meio a performances corporais, e são observados por devotos em janelas/portas/calçadas de suas moradas.

As portas abertas se fazem código à recepção: dá licença patrão/dá licença patroa, é chegada a hora! Em silêncio, junto ao representante da morada, Três Reis Santos adentram na busca pelo Menino Deus; músicos cantadores vão se acomodando. Encontramos o menino Deus: é chegada a hora da adoração! O símbolo do arrependimento se revela na figura dos bastiões, que em nome dos Três Reis Santos proferem adorações e ofertas simbólicas: ouro, incenso e mirra na forma de trovas.



Mas a troca de ofertas vai além; e os instrumentos musicais anunciam: é chegada a hora de bênção às famílias! Em nome dos Três Reis Santos, vozes germinam solo-conjunto; embaixador-poeta-criador atento aos detalhes profere versos em forma de cantos: bênçãos, pedidos e agradecimentos; e assim os salutareis de vozes encaixam-se em seis tonalidades distintas. Na paisagem íntima da morada, devotos acompanhados de emoções distintas, expressam lágrimas em face de olhares enobrecidos: reveladores testemunhos de súplicas e graças. Completadas as saudações: é chegada a hora da despedida. Um instante, pois Três Reis Santos ainda terão que visitar os cômodos da morada, neste íntimo sobrepõem-se bênçãos a objetos e fotografias dos entes familiares.

É chegada a hora: pagamento de promessas! A retribuição de uma graça pode se configurar através de um banquete: café, almoço ou janta. A paisagem neste momento se mistura entre as melodias de sons, devoção, aromas. Cardápios variados exibem a diversidade de texturas/cores/sabores/paladares. Alimentos que despertam gratidão daqueles que em suas jornadas são contemplados com a fartura e laços de sociabilidade, reveladores de trocas simbólicas: alimentos para corpo em contrapartida ao alimento para a alma: fé/bênçãos ofertadas aos familiares. Três Reis Santos agradecem e vão embora descansar para mais um dia de caminhada.

Após cumprido mais um ciclo de jornada é chegada a hora dos festejos! Encontraram o menino Deus! A sociedade carmelitana, reunida, aguarda a chegada dos viajadores. Bingos, leilões, comidas, bebidas e música compõem a paisagem; arcos de bambu adornados por correntes coloridas de papel que são rompidos, simbolizam as dificuldades superadas em cada dia desta longa jornada que abre caminho a Belém. É chegada a hora: eis que vieram adorá-lo! Ali está o Menino Deus! Viva o Menino Deus! Na orla do altar, a musicalidade embriagada de emoção toma conta dos viajadores que proferem versos e prosas através de cantos/adorações ao Menino Deus! Salve, Salve: Pastores e Foliões! Eis que foi cumprida nossa missão; é chegada a hora do retorno e até o ano... se Deus quiser!

Esta paisagem religiosa indica um mundo cósmico, santificado no tempo sagrado das festas, tempo mítico, tempo litúrgico, ou seja, um tempo circular, reversível, recuperável, indefinidamente repetível, “espécie de eterno presente mítico que o homem emprega periodicamente pela linguagem dos ritos.” (ELIADE, 2018, p. 64).

As Folias ou Companhias de Reis são construções cosmológicas do catolicismo popular orientadas pelo nascimento de Cristo e pela Epifania, de modo a reproduzir a viagem dos Três Reis Magos, guiados por uma estrela para a adoração do menino Jesus em Belém. Brandão (1977) destaca que as Folias de Reis são formadas por um grupo de precatórios que saem em jornada no ciclo natalino de 25 de dezembro a 6 de janeiro, composta por músicos, instrumentistas, bandeiristas e palhaços - os foliões vão de casa em casa apresentando suas cantorias, levando bênçãos às famílias de devotos e recolhendo esmolas.

Imagem 3 - Cortejo Companhia de Reis Estrela da Guia.



Fotografia: Autor (2020).

BOITATÁ, Londrina, n. 32, jul – dez 2021
<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0>



O fenômeno religioso conforme Pereira e Torres (2016) abarca a experiência humana em extratos físicos materiais e simbólicos, e, funde o mundo dos sentidos com o mundo da imaginação. Assim, tem-se “espacialidades físicas, como templos, igrejas, santuários, sinagogas, mesquitas, terreiros e demais construções diversas”; como também espacialidades não materiais: “discursos, narrativas, mitos, sistemas teológicos, músicas, sons etc”. Tais espacialidades podem estar em movimento “[...] como as peregrinações, as romarias, as várias jornadas espirituais ou comportamentos rituais”. (p. 98).

A Companhia do Menino Jesus, presente no município de Carmo do Rio Claro-MG desde o ano de 1929, possui, inclusive, adaptações em sua estrutura e rito em relação às Companhias de Reis. Os personagens presentes são: Simeão, três reizinhos e os pastores-cantadores que carregam o oratório com o menino Jesus (presépio andante) até a casa dos fiéis.

Imagem 4 - Companhia do Menino Jesus.



Fotografia: Autor (2020).

O espaço sagrado que se constitui em torno dos referenciais e simbologias divide-se segundo Gil Filho (2008) em três espacialidades: concreta de expressões religiosas, do pensamento religioso e das representações simbólicas. Na espacialidade concreta tem-se o espaço sagrado recebendo as práticas religiosas. Na espacialidade das representações simbólicas projeta-se o plano da linguagem aos referenciais religiosos e na espacialidade de pensamento religioso articula o plano sensível ao do conhecimento religioso.

Estas espacialidades podem ser observadas em Carmo do Rio Claro em uma das falas da entrevista realizada em 2019 com um dos foliões:

No evangelho existe uma pequena descrição, o que nos é transmitido é que suas viagens tiveram início no dia primeiro de janeiro e que saíram cada um de suas terras guiados por um sinal. Viajaram o dia todo e no final daquele primeiro dia eles se encontraram, se conheceram, dormiram e no segundo dia perceberam que apesar de serem de diferentes regiões e sem estabelecer nenhuma comunicação anterior, tinham o mesmo objetivo e receberam os mesmos sinais. Do segundo ao quarto dia em suas caminhadas, foram conhecendo suas diferenças e o que cada um poderia oferecer para o outro. No quinto dia avistaram Jerusalém, uma cidade grandiosa, sede do poder, o que chamou a atenção dos Três Reis. Vislumbrados acreditavam que o Rei do mundo só poderia estar por ali, esquecendo-se do humilde sinal, a estrela que os guiava até então, e foram até a cidade de Jerusalém. A partir daí encontramos no evangelho de Matheus, o relato de que chegando até a cidade, Herodes não sabia do que se tratava, mandou que os Três Reis seguissem viagem, pois ali não existia nenhum outro rei além dele, e pediu que sua guarda os acompanhasse. A partir do momento em que deixaram a cidade de Jerusalém para trás com a ilusão da claridade, conseguiram avistar

novamente o sinal da simplicidade, a luz da estrela que os guiavam em sua viagem. Completando o sexto dia, chegaram até Belém, uma cidade pobrezinha onde encontraram e adoraram o Menino Jesus. Esta caminhada do dia 01 ao dia 06 é uma caminhada de aprendizado, partilha. Assim como em nossas vidas, eles tiveram seus deslizes deixando se ofuscar pela grandeza de Jerusalém, mas voltaram seu olhar novamente para a simplicidade do projeto de Deus para nós. (INFORMAÇÃO VERBAL, 2019).

Gil Filho (2008) também sugere quatro instâncias de análise aos estudos de fenômenos religiosos, sendo, a “paisagem religiosa” com sua materialidade, exterioridade e expressão do sagrado; o “sistema simbólico cultural” com seu referencial conceitual, a lógica simbólica e o contexto religioso; as “escrituras e tradições sagradas” com as construções epistemológicas, seu registro e transmissão; e o “sentimento religioso” como a experiência pessoal do sagrado.

Nesse sentido, compreende-se que as manifestações de religiosidade popular: Companhias de Reis e do Menino Jesus de Carmo do Rio Claro-MG, constituem elementos característicos de subjetividades presentes na paisagem religiosa local. As Companhias, atreladas ao calendário litúrgico (natal/epifania), expressam-se através de peregrinações (espacialidades em movimentos em meio as ruas, casas, igrejas) permeadas por distintos momentos: ritos, performances, relações de sociabilidades e trocas simbólicas.

Considerações finais

Desde os fins do século XVIII, o processo de formação e desenvolvimento histórico-cultural do município de Carmo do Rio Claro-MG se consolidou diante de um sistema cultural religioso alicerçado em valores e preceitos do catolicismo. Inúmeras práticas de religiosidade popular vinculadas ao calendário litúrgico, se consagram há mais de dois séculos e seu reflexo faz-se presente na paisagem. Para Torres (2013), a paisagem é reflexo da relação direta com o ser humano, no plano material ou imaterial, pois compõem-se de discursos e formas simbólicas - arte, mito, religião e linguagem. Segundo Torres (2013) e Kozel (2012) o conceito de paisagem configura-se pela tríade: olhar/sentir/ouvir e perpassa por diferentes aspectos sensitivos - formas, cheiros, sons, texturas, cores, sabores, movimentos -, com os quais os indivíduos percebem e atribuem significados a cada elemento constituinte.

Referências

BRANDÃO, C. R. **A folia de reis de Mossâmedes**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Departamento de Assuntos Culturais, Fundação Nacional de Arte-FUNARTE, 1977.

CLAVAL, P. A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na Geografia. In: CORRÊA, R. L., ROSENDAHL, Z. **Introdução à geografia cultural**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Florianópolis: UFSC, 1999.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Geografia cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.



COSGROVE, D. Em direção a uma geografia radical: problemas da teoria. In: CORRÊA, R. L., ROSENDAHL, Z. **Introdução à geografia cultural**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

COSGROVE, D.; JACKSON, P. Novos rumos da geografia cultural. In: CORRÊA, R. L., ROSENDAHL, Z. **Introdução à geografia cultural**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

DARDEL, E. **O homem e a terra: a natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GIL FILHO, S. F. **Espaço sagrado: estudos em geografia da religião**. Curitiba: Ibplex, 2008.

GRILO, A. T. **Carmo do Rio Claro: aulas de história social caderno 1**. Carmo do Rio Claro: Departamento de Educação e Cultura, 1996.

HEIDRICH, Á. L. Método e metodologias na pesquisa das geografias com cultura e sociedade. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz; PIRES, Claudia Luisa Zeferino. **Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em geografia e saberes sobre espaço e cultura**. Porto Alegre: Letral, 2016.

KOZEL, S. Geopoética das paisagens: olhar, sentir e ouvir a natureza. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 22, n. 37, 2012.

PEREIRA, C. J.; TORRES, M. A. Espacialidades religiosas. In: GIL FILHO, S. F. **Liberdade e religião: o espaço sagrado no século XXI**. Curitiba: CRV, 2016.

ROSENDAHL, Z. História, teoria e método em geografia da religião. **Espaço e cultura**, Rio de Janeiro, n. 31, p. 24-39, 2012.

TORRES, M. A. As paisagens da memória e a identidade religiosa. **Raega - O Espaço Geográfico em Análise**, Curitiba, v. 27, p. 94-110, 2013.

[Entregue: 15 jul 21 – Aceito: 15 ago 21]

